



**Capítulo 25**  
**doi.org/10.53934/GPTI-25**

**VINHETAS DE UMA EXPERIÊNCIA COM A INCLUSÃO NA  
UNIVERSIDADE E A FORMAÇÃO EM SAÚDE**

**Isaac Ferreira de Albuquerque<sup>1</sup>; Emanuele Mayara de Souza Bastos<sup>2</sup>; Arthur Rafael Barros dos Santos<sup>3</sup>; Deborah Dornellas Ramos<sup>4</sup>; Maria Francisca Máximo Dantas<sup>5</sup>; Eliane Medeiros Costa<sup>6</sup>; Gracielle Malheiro dos Santos<sup>7</sup>**

<sup>1</sup>Estudante do Curso de Nutrição. Centro de Educação e Saúde (CES). Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); E-mail: isaacalbuquerque1@gmail.com, <sup>2</sup>Docente. Bióloga Integrante do Grupo de Pesquisa e Trabalho Interprofissional (GPTI/CES/UFCG); E-mail: emanuelebastos9@gmail.com, <sup>3</sup>Estudante do Curso de Nutrição. Integrante do GPTI/CES/UFCG; E-mail: arthur.rafael@estudante.ufcg.edu.br, <sup>4</sup>Docente do Curso de Nutrição. CES/UFCG/Cuité. Integrante do GPTI/CES/UFCG. E-mail: deborah.dornellas@professor.ufcg.edu.br, <sup>5</sup>Coordenação do projeto "Educação Inclusiva no ensino Superior: diálogos realizados no município de Cuité-PB. Assistente Social. UFCG-CES-Cuité. E-mail: mariamaximodantas@yahoo.com.br, <sup>6</sup>Psicóloga. Técnica da CES/UFCG/Cuité. E-mail: elianemedeiroscosta@hotmail.com, <sup>7</sup>Docente do Curso de Nutrição. UFCG-CES-Cuité. Integrante do GPTI/CES/UFCG. E-mail: gracielle.malheiro@professor.ufcg.edu.br

**Resumo:** A inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior é um tema de relevância nos dias atuais. Este artigo trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa que objetiva a reflexão sobre a educação inclusiva a partir da experiência em projeto de extensão em uma universidade pública. Para enfrentar essas questões, há um grupo de profissionais ligados a assistência estudantil no Centro de Educação e Saúde na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) o Projeto de Extensão "Bate Papo sobre Educação Inclusiva" no ano de 2021, visando desenvolver e promover espaços de debates sobre informações da inclusão de Estudantes com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação no contexto acadêmico com toda comunidade. O projeto contou com estudantes de diferentes cursos de graduação. Este artigo apresenta vivências e experiências em forma de vinhetas de um estudante de Nutrição inserido no Projeto de Extensão. O projeto a partir de julho de 2021 por meio de momentos online, depois híbridos e passando para momentos presenciais tratou dos temas por meio de rodas de conversa e estratégia multimídias de forma inclusiva e abordando os temas. Essa experiência alargou as perspectivas dentro da formação em saúde, na nutrição, com a identificação dos desafios à inclusão de pessoas com deficiência no âmbito acadêmico, dando a chance de reconhecer as problemáticas pelos diferentes sujeitos envolvidos, inclusive sob a perspectiva institucional. Os temas do preconceito e reconhecimento dos direitos auxiliaram a identificar como as mudanças são necessárias e significativas para todos os envolvidos. Desta forma, a inclusão é um tema importante, transformador e refere-se ao ajuste dos

sistemas sociais para o respeito à diversidade humana, sendo necessário a colaboração ativa das pessoas e instituições, projetos como esse auxiliam na formação de profissionais mais humanizados e atentos à equidade.

**Palavras-chave:** Educação inclusiva; Ensino superior; Extensão universitária

## INTRODUÇÃO

A Inclusão de Pessoas com Deficiência (PCD) no ensino superior, é um tema que vem ganhando relevância nos dias atuais, para que haja um maior domínio sobre o tema proposto, faz-se necessária uma abordagem ampla, visando um maior aprofundamento. Inclusão é o processo de tornar adequados os sistemas sociais comuns para toda a diversidade humana e contar com as próprias pessoas para a execução das adequações (SASSAKI, 2006).

Desenrola-se da mesma forma quando nos tratamos sobre a definição de Pessoa com Deficiência (PCD), ela já transitou por outras versões como Pessoas Portadoras de Deficiência (PPD) e Pessoas com Necessidades Especiais (PNE). Porém, tanto o uso da nomenclatura Portadores quanto tratar-se como Necessidades Especiais são excludentes. Mas para Sasaki (2003) não há um único termo correto e válido que seja permanentemente, para todas as culturas e épocas.

Na década de 80, especificamente o ano de 1981 é escolhido como o Ano Internacional das Pessoas Deficientes, pela ONU (Organização das Nações Unidas), gerando uma maior visibilidade para o tema, além de uma grande mobilização pelo movimento de busca de direitos sociais. A partir deste ano, substituiu-se o termo indivíduo, por pessoa, como o substantivo que acompanha o adjetivo deficiente, buscando-se igualar os direitos e tratamento com dignidade concedidos a todas as pessoas. Trazendo de uma forma mais prática essa evolução referente ao tratamento para com essas pessoas, Carvalho (2010) se refere a quatro fases distintas nesse processo: exclusão, segregação, integração e inclusão. Durante a fase da exclusão, a PCD fica totalmente isolada do convívio social. Já na fase de segregação, passa a ser atendida por instituições específicas, as quais prestam serviços a essa população, ainda mantendo a PCD separada do convívio social. Durante a fase da integração, ocorre a inserção desse público (PCD) em espaços comuns, porém sem um serviço especializado de acolhimento ou acompanhamento. Por fim, na fase da verdadeira inclusão, ocorre que as instituições e espaços públicos promovem as condições necessárias e suficientes para quem tem necessidades especiais diversificadas.

A Lei nº 8.213, conhecida como Lei de Cotas, promulgada no Brasil em 1991, trouxe mudanças positivas significativas para a inclusão de pessoas com deficiência (BRASIL, 1991). Essa legislação estabeleceu a reserva de vagas para esses indivíduos em empresas com mais de 100 funcionários, promovendo a igualdade de oportunidades e a inserção no mercado de trabalho. Além de impulsionar a inclusão profissional, a Lei de Cotas desempenhou um papel crucial na transformação social, ao combater estigmas e preconceitos e contribuir para uma sociedade mais inclusiva e diversa.

Tendo em vista todas as evoluções relatadas sobre o tema, no mundo contemporâneo, a inclusão do aluno com deficiência ainda representa um grande desafio, desde a modalidade de Educação Infantil até o Ensino Superior, em instituições públicas e privadas. No Brasil, as estatísticas oficiais, estudos e pesquisas, elucidam principalmente a condição desse corpo discente em processo de inclusão na educação básica subsidiados pelas Declarações de Educação para Todos (UNESCO, 1990) e de Salamanca (ONU, 1994).

Existe um aumento dos valores nacionais de matrículas de alunos com deficiência no ensino superior de uma forma geral. O Censo da Educação Superior MEC/INEP (BRASIL, 2012) apontou a existência de 22.455 matrículas de alunos com deficiência no ensino superior, sendo deste total, 16.790 nas Instituições Privadas de Ensino Superior e 4.437 nas Instituições Federais de Ensino Superior”.

Além de todos esses avanços, houve o surgimento da Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) que representa um marco essencial para os direitos dos estudantes com deficiência no ensino superior, garantindo medidas para facilitar o ingresso e permanência destes indivíduos nas instituições de ensino (BRASIL, 2015). Segundo o Artigo 30, as instituições de ensino superior, tanto públicas quanto privadas, devem oferecer atendimento preferencial e disponibilizar formulários de inscrição para exames com campos específicos para que candidatos com deficiência indiquem suas necessidades de acessibilidade e tecnologia. Além disso, as provas devem ser adaptadas conforme a preferência do candidato. A legislação também enfatiza critérios avaliativos considerando a singularidade linguística da pessoa com deficiência e a tradução integral do edital e suas emendas para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), ressaltando a relevância da lei para o percurso acadêmico dos estudantes com deficiência, garantindo-lhes equidade de oportunidades e condições para uma participação plena na esfera acadêmica (BRASIL, 2015).

Todavia, reconhece-se que a inclusão não é apenas sobre dar acesso físico, mas é sobre criar um ambiente onde todas as pessoas se sintam valorizadas. Essa constatação indica importante elemento no contexto da inclusão em universidades públicas, entre eles, de que maneira garantir que as universidades sejam espaços acolhedores e inclusivos, nos quais todos os estudantes, independentemente de suas origens, habilidades ou características, sejam reconhecidos, respeitados e que além do cumprimento das leis e protocolos, eles sejam valorizados.

Na Universidade Federal de Campina Grande com o intuito de garantir esse acolhimento surgiu o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) através da Resolução UFCG do Colegiado Pleno Nº 11/2016, sendo O NAI um órgão da administração superior, vinculado à Reitoria, e tem por finalidade o atendimento a pessoas com deficiência física, sensorial, mental ou intelectual, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades (UFCG, 2016).

Tendo em vista essas problemáticas presentes no macro e micro espaço, a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) através da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão (PROPEX) no ano de 2021, no Centro de Educação e Saúde (CES), instituiu a proposta de um Projeto de Extensão intitulado Bate Papo sobre Educação Inclusiva, a fim de gerar debates, abordar a problemática e contribuir para a disseminação de informações para discentes e docentes sobre o capacitismo e a inclusão de PCD's de forma interina nas vivências acadêmicas.

O projeto de extensão foi aprovado junto a Pró-Reitoria de Extensão (PROPEX) da UFCG sendo uma proposta da instituição de ensino superior, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Cuité, a Escola Cidadão Integral Estadual de Ensino Fundamental e Médio Pedro Henrique da Silva (ECIT) em Cuité, Paraíba. Entre os objetivos específicos, sublinham-se: a) colaborar com o desenvolvimento acadêmico e social da comunidade acadêmica na perspectiva da educação inclusiva; b) estimular reflexões na comunidade acadêmica sobre os avanços e desafios da inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior e políticas de acesso e permanência; c) valorizar a diversidade como um fator de qualidade da educação, trazendo à tona a questão do direito de todos à educação na perspectiva inclusiva; d) promover momentos de diálogo e trocas de experiências entre a comunidade acadêmica do CES e estudantes

com deficiência de outras instituições de ensino. Destacam-se como atividades principais as rodas de conversa, oficinas temáticas e o encontro de formação na área de educação e matemática inclusiva.

A partir dessas informações, este artigo trata-se das vivências e experiências sintetizadas em forma de vinhetas de um estudante de Nutrição da universidade pública, inserido em um Projeto de Extensão (Bate Papo Sobre Educação Inclusiva), que foi iniciado em Julho de 2021, voltado para a Inclusão de pessoas com deficiência no âmbito acadêmico. Fazendo assim, com que um horizonte ainda não tão explorado pelo curso de Nutrição se abrisse, ressaltando diversas problemáticas que por muitas vezes são desconsideradas pelo corpo acadêmico, fazendo também com que os anseios dessas pessoas sejam ouvidos.

## MATERIAL E MÉTODOS

O presente artigo trata-se de um estudo realizado na Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Educação e Saúde (CES), no curso bacharelado em nutrição na cidade de Cuité, município localizado no interior do estado da Paraíba. Com aproximadamente 20 mil habitantes (IBGE, 2021).

Foi utilizado o método de vinhetas para relatar a experiência vivida por um estudante de Nutrição em um Projeto de Extensão intitulado “Bate Papo sobre Educação Inclusiva”.

Neste contexto, o objetivo primordial é descrever e analisar as vivências e aprendizados obtidos durante a participação ativa nesse projeto, que teve como principal foco promover discussões relevantes sobre a importância da inclusão educacional e social de pessoas com deficiência.

A vinheta foi o método selecionado para relatar as experiências e percepções obtidas ao longo do Projeto de Extensão "Bate Papo sobre Educação Inclusiva". A opção por esse método se deu em virtude da sua natureza qualitativa, que permite explorar detalhadamente as experiências vivenciadas em diversas situações e contextos, trazendo uma visão mais pessoal sobre todo o acontecido.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As vinhetas apresentadas no artigo foram separadas por temas e momentos vividos pelo estudante: Vinheta 1 - A importância da educação inclusiva no ensino superior; Vinheta 2 - Capacitismo e a ética que me conduz: um processo de sensibilização; Vinheta 3: Tecnologia para que quero?; Vinheta 4: Preconceito; Vinheta 5: Elucubrar uma experiência.

### **Vinheta 1 - A importância da educação inclusiva no ensino superior**

*Em Julho de 2021, eu optei por ingressar em um projeto que causaria impacto positivo em minha vida acadêmica, possibilitando adquirir um conhecimento que é ignorado por uma parcela dos estudantes do ensino superior e da sociedade. No âmbito universitário, em especial na UFCCG (Universidade Federal de Campina Grande), periodicamente, abrem-se vagas para a participação em Projetos de Extensão, que em seu conceito são atividades que ampliam nossa participação fora das salas de aula, fazendo com que aumente nossa interação com a sociedade. Houve a oportunidade de adentrar em um Projeto de Extensão voltado para educação inclusiva (Bate Papo Sobre Educação Inclusiva). Tema esse, que tinha a proposta*

*completamente diferente de tudo que eu já havia visto na universidade e de todas as cadeiras disponibilizadas no curso de Nutrição. Pessoalmente, essa decisão me deixou dividido em alguns dilemas, que posteriormente irei compartilhar-los. Minha contribuição foi realizada durante dois ciclos de seis meses nos anos de 2021 e 2022. Quando realizei minha inscrição no primeiro ciclo do projeto, eu não tinha ideia do impacto que isso teria em minha vida. Além disso, a criação e execução do primeiro ciclo desse projeto, seria realizado durante um período em que todas as atividades eram realizadas remotamente, fazendo com que a adaptação e o aprendizado se tornasse potencialmente mais difícil. Esse foi um dos primeiros dilemas, pois constantemente eu me questionava: “Será que vou fugir da minha área?”.*

*A tomada de decisão para me inscrever nesse projeto me causou muita dúvida, pois eu não tinha nenhuma base relacionada à educação inclusiva e estava municiado apenas de um conceito básico do significado de inclusão. Por muito tempo me questionei: “como posso ser monitor de um tema que eu não tenho nenhum domínio?” ou “será que não estou me distanciando demais do meu curso?”, principalmente porque os monitores que eram PCD 's (Pessoas com deficiência) possuíam um vasto conhecimento prático sobre a temática por vivências próprias. Posteriormente, pude perceber que esses questionamentos me fariam ampliar minha visão sobre o tema, me capacitar mais para uma área ainda pouco explorada na nutrição e trazer respostas ao final do projeto.*

*(ALBUQUERQUE, 2023, dados do autor)*

A vinheta apresentada destaca a experiência do autor ao participar de um Projeto de Extensão voltado para a educação inclusiva na Universidade Federal de Campina Grande (UFPA). A decisão de ingressar nesse projeto gerou grande conflito interno, pois o autor inicialmente se questionava sobre sua aptidão para abordar um tema no qual não possuía expertise. Essa incerteza é comum para grande parte das pessoas em situações em que se busca adentrar em territórios acadêmicos pouco familiares.

Conforme observado por Tinto (2005), a participação em atividades extracurriculares, como os Projetos de Extensão, pode ser crucial para o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes, proporcionando oportunidades de aprendizado e engajamento com a comunidade. Além disso, a vivência do autor durante dois ciclos de seis meses demonstra um comprometimento com o projeto, evidenciando a importância da continuidade no contexto da monitoria inclusiva.

A reflexão constante sobre a própria jornada, ilustrada pelos questionamentos sobre a pertinência do tema em relação ao curso de Nutrição, também denota uma postura crítica e analítica do autor, elementos fundamentais no processo de aprendizado e desenvolvimento acadêmico (WEIMER, 2013). Portanto, a narrativa apresentada na vinheta não apenas ressalta a importância da monitoria inclusiva no ensino superior, mas também evidencia a transformação pessoal e acadêmica proporcionada por essa experiência.

## **Vinheta 2 - Capacitismo e a ética que me conduz: um processo de sensibilização**

*Porém, ao iniciar o projeto, fui apresentado a uma realidade que eu não conhecia, e que eram por muitas vezes ignoradas por todos nós e também por parte do corpo acadêmico. Ao longo das primeiras reuniões, fui apresentado ao capacitismo, que é um preconceito baseado na ideia de que pessoas com deficiência são inferiores a pessoas sem deficiência e foi evidenciado o tanto que ele prejudicava a vida de pessoas com deficiência e o quanto ele interfere em nossa sociedade, seja em âmbito acadêmico ou no dia a dia. Ocorreu que eu havia entendido que não entrei como monitor desse projeto para ensinar, mas sim para aprender. Através desses relatos, minha perspectiva foi ampliada e pude compreender por um lado sobre a magnitude*

*dos desafios que são impostos a elas, não apenas por suas limitações físicas ou cognitivas.*

*Durante o decorrer do primeiro ciclo de participação no projeto de extensão, foram promovidas rodas de conversa realizadas on-line, por conta do isolamento social, o intuito era promover a equidade em um espaço seguro e acessível para que as pessoas com deficiência pudessem compartilhar suas experiências, desafios e conquistas da melhor forma possível, durante a pandemia que estávamos vivendo. Essas rodas de conversa foram momentos de troca de conhecimentos e vivências, nos quais tivemos a oportunidade discutir questões relacionadas à saúde e inclusão social. Porém, eu confesso que não me achava tão útil na discussão pela falta de experiências. Mas será que a “utilidade” resume-se apenas à participação nas discussões?*

*Ao fim do primeiro ciclo do projeto de extensão, senti que me tornei mais sensível ao tema, porém, ainda não me sentia com domínio o suficiente para falar com propriedade. Porém, posteriormente pude perceber que a minha maior contribuição durante esse ciclo de projeto, não foi referente a falar e nem por isso, fui menos participativo durante ele. Apesar de ter sido apresentado à realidade de pessoas com deficiência e de pouco a pouco minhas dúvidas relacionadas aos conceitos da temática estarem sendo respondidas, me surgiram questionamentos de forma concomitante. Afinal, toda história pode ter várias interpretações, justificativas e motivos. Pensamentos esses que inicialmente eram reprimidos por mim.*

*(ALBUQUERQUE, 2023, dados do autor)*

A narrativa apresentada pelo autor reflete uma jornada de aprendizado e conscientização acerca do capacitismo, um preconceito arraigado que perpetua a marginalização das pessoas com deficiência. Esta vivência demonstra a relevância do engajamento em projetos de extensão para a compreensão e enfrentamento de questões sociais sensíveis, como apontado por Eyler e Giles (1999), que destacam a importância das atividades extracurriculares no desenvolvimento do senso de responsabilidade social dos estudantes.

A realização de rodas de conversa online durante o isolamento social destaca a adaptação do projeto para promover a equidade e acessibilidade, ilustrando a capacidade de inovação e adaptação em contextos desafiadores (MCLOUGHLIN *et al.*, 2020).

### **Vinheta 3 - Tecnologia, para te que quero?**

*Através dessas interações virtuais, percebi como a tecnologia pode ser potencialmente uma ótima ferramenta para promover a equidade que queríamos e conectar pessoas, independentemente de suas habilidades físicas ou sensoriais, além de promover o diálogo inclusivo e enriquecedor. Porém, nem tudo são flores. O uso exclusivo da internet nos limitou a apenas reuniões online, fazendo com que tivéssemos que usar da criatividade que já estava esgotando para conseguir variedade em nossos encontros, além de enfrentarmos rotineiramente problemas técnicos comuns.*

*Pude também perceber que na modalidade online, alguns aspectos sociais acabam sendo negligenciados por conta da necessidade de execução de atividades durante o período pandêmico. Quando o estudante em questão, tem o privilégio de possuir acesso a internet essa equidade acaba sendo garantida. Mas caso o estudante em questão não tenha possibilidade de acessar a internet em casa... Como fica? A equidade está sendo garantida? Talvez não.*

*(ALBUQUERQUE, 2023, dados do autor)*

A vinheta escrita, enfatiza a dualidade da tecnologia como instrumento de equidade e as limitações inerentes à sua utilização exclusiva em um contexto virtual. A observação de como a tecnologia pode ser uma ferramenta inclusiva e enriquecedora

para conectar indivíduos, independentemente de suas capacidades físicas está alinhada com a visão contemporânea de saúde digital, que destaca o potencial das tecnologias para promover a inclusão e a participação ativa na sociedade (TOPOL, 2019).

Como um contraponto, a vinheta também ressalta os desafios práticos enfrentados, como a necessidade de inovação para manter a diversidade nas interações online e a ocorrência comum de dificuldades técnicas, questões que foram exacerbadas durante o período pandêmico (OHANNESSIAN *et al.*, 2020). Fora isso, o relato evidencia as disparidades socioeconômicas e de acesso à tecnologia, levantando uma preocupação legítima sobre a verdadeira equidade na modalidade online, especialmente para aqueles que não têm a mesma facilidade de acesso à internet em suas residências

Portanto, a vinheta ressalta não apenas os benefícios potenciais da tecnologia na promoção da equidade, mas também chama a atenção para as questões críticas que precisam ser endereçadas para garantir uma verdadeira inclusão digital na área da saúde

#### Vinheta 4 - **Preconceito**

*Ao longo do projeto foram realizadas diversas reuniões, em uma delas, tivemos como participante o influenciador Ivan Baron, uma figura proeminente nas redes sociais que conquistou um público significativo ao abordar questões relacionadas ao capacitismo. Ele já era uma figura bem conhecida no meio, mas por não estar na bolha, eu não o conhecia. No encontro, ele compartilhou conosco os bastidores de sua trajetória de sucesso e as dificuldades enfrentadas ao longo de sua vida. Ivan relatou que teve que lidar com os desafios impostos pelo preconceito e pela falta de acessibilidade. Sua deficiência física nunca foi uma barreira para suas aspirações, mas a sociedade muitas vezes colocava obstáculos em seu caminho. Ivan enfrentou estereótipos e atitudes discriminatórias que limitavam suas oportunidades e restringiam sua participação plena na sociedade. Isso me sensibilizou demais! Pude entender o porquê alguns termos que são bastante utilizados no senso comum são ofensivos e me policiar para não cometer tais erros. Já que eu queria ter uma postura inclusiva pensando na minha vida profissional após o curso, foi de grande valia primeiramente aprender a maneira certa de me comunicar, para que eu possa acolher bem meus futuros pacientes.*

*Durante essa atividade, os principais pontos abordados e debatidos foram: Leis que amparam estudantes com deficiência, dificuldades enfrentadas pelos estudantes e outro que me chamaria a atenção como um grande impasse em toda promoção de inclusão pregada. Falo da falta de preparo adequado para os professores, que sofrem grande pressão mesmo com o Estado não os capacitando para lidar especificamente com essa problemática, como os é cobrado. Comecei a observar a complexidade desta problemática. Até porque, problemas estruturais não são tão simples de serem resolvidos... O preconceito é um fator limitante, afetando tanto a vida de pessoas com deficiência, quanto pessoas sem deficiência. Porém, nem sempre há só uma vítima ou um só vilão. Será que a crítica estava bem direcionada? Isso criou em mim, uma visão mais ampla sobre o tema e uma ótica que deve ser observada antes de lançar críticas. Pois a visão simplista de lançar críticas encobre as verdadeiras deficiências da problemática.*

*Assim como identifiquei preconceito e dificuldades de vida e socialização, tanto na aprendizagem como no desenvolvimento dos seus cotidianos quando estivemos em uma escola estadual localizada na zona rural em que um dos monitores do projeto de extensão havia estudado, foi local de uma roda de discussão acerca do tema da inclusão social, principalmente, noções básicas sobre o tema, dificuldades e quais são as atitudes potencialmente capacitistas. Nessa etapa do projeto, confesso que me senti mais instigado e realizado por finalmente conseguir contribuir compartilhando o conteúdo que absorvi durante todo o primeiro ciclo do projeto.*

*Muito dessa sensação de “protagonista” dentro do projeto, de fato ficou mais intensa quando nas ações da escola eu pude compartilhar um pouco do que aprendemos ao longo dos ciclos com os professores da educação básica.*

*Pude perceber que o cenário atual do preconceito com pessoas com deficiência é algo enraizado e que vem desde os primórdios da sociedade e que movimentos que pregam a inclusão são ferramentas de empoderamento para uma parcela da sociedade que nunca teve voz. Torna-se assim, compreensível a revolta que para alguns pode soar como radical. Contudo, para que haja a tentativa real de resolução dos problemas devemos abordar o problema como um todo, considerando todos os componentes desse cenário.*

*Finalmente pude perceber mais claramente a importância de eu não só ter me inscrito nesse projeto no ano de 2021, mas também de estender minha participação para um ciclo a mais. Ficou mais evidente para mim que eu precisava dar espaço para ouvir a voz de quem por muitos anos foram calados, para poder entender minimamente suas lutas e levantar meus contrapontos sobre a temática, para assim finalmente poder compartilhar esse conhecimento.*

*Acredito que de alguma forma, esse projeto e esse contato com pessoas com deficiência fez com que eu pudesse refletir sob uma ótica em que eu ainda não tinha tentado observar. De alguma forma isso me sensibilizou ainda mais, pois suas histórias de superação e suas conquistas diárias desafiam as noções pré-concebidas que eu poderia ter sobre limitações. Por outro lado, acredito que o estado acaba por formar duas vítimas. Percebi uma grande cobrança para com os professores para que eles ministrarem aulas inclusivas quando houverem alunos com variadas deficiências. Porém, será que a estrutura educacional do ensino público no Brasil torna isso possível? Quem será que tem razão nesse debate?*

*(ALBUQUERQUE, 2023, dados do autor)*

A vinheta apresenta uma profunda reflexão trazendo a experiência do autor ao participar do projeto de extensão, especialmente no que diz respeito à sua interação com o influenciador digital Ivan Baron. A narrativa ilustra a influência direta que indivíduos proeminentes nas redes sociais podem ter na disseminação de informações e na conscientização sobre questões relacionadas ao capacitismo.

A exposição às dificuldades enfrentadas por Ivan devido à falta de acessibilidade e ao preconceito destaca a persistência desses desafios mesmo para pessoas notáveis e influentes. Isso ressoa com a ideia de que o preconceito e a falta de acessibilidade são barreiras sociais e estruturais que afetam a vida de pessoas com deficiência (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2011).

### **Vinheta 5: Elucubrar uma experiência**

*Ao realizarmos perguntas eu percebi que poucos professores as respondiam, chegando no ponto que eu havia me questionado anteriormente. Nem sempre atitudes consideradas capacitistas provenientes de professores tratam-se de ausência de empatia. A falta de capacitação a situações não habituais resulta em atitudes inconformes.*

*Além de que essas reuniões e rodas de conversa me ensinaram sobre a importância da inclusão social e educacional para pessoas com deficiência. Pude testemunhar como pequenas ações e atitudes inclusivas podem fazer uma grande diferença na vida de alguém. Pois pude presenciar como uma simples palavra de encorajamento, um gesto de apoio pode desencadear um impacto positivo na vida dessas pessoas. Foi nessas interações que eu pude perceber que não é apenas uma responsabilidade coletiva, ou de instituições, mas uma missão individual.*

*Aprendi que, como nutricionista, minha responsabilidade vai além de fornecer orientações alimentares; devo ser um agente de mudança na sociedade, promovendo a inclusão e ajudando as pessoas com deficiência a*



*alcançarem seu pleno potencial. Além disso, me foi dada a oportunidade de observar a profissão de nutricionista por outra ótica. Como posso ser inclusivo no meu atendimento nutricional? Como posso prescrever dietas possibilitando que pessoas com deficiência possam segui-las? Isso me abriu um leque muito grande para a tão pouco explorada “Nutrição Inclusiva”. Concluo assim, que essa experiência me fez transcender a área acadêmica habitual, me possibilitando a interferir e opinar sobre uma problemática que vai além das grades da minha formação acadêmica.*

*Durante a elaboração do presente trabalho, em conversa com a minha orientadora, pude perceber mais aprendizados que talvez eu tivesse ignorado, ou simplesmente não tivesse parado para pensar sobre a magnitude desse projeto na minha vida acadêmica. O primeiro ciclo, onde eu considerava que não tinha participado tão ativamente, na verdade talvez tenha sido o ciclo que mais contribuí. Pois dei a oportunidade para pessoas que por muitas vezes se sentiam sem voz compartilhar seus problemas. Escutar, aprender também é uma forma de contribuir ativamente para um projeto.*

*(ALBUQUERQUE, 2023, dados do autor)*

Além disso, a vinheta evidencia mais complexidades na promoção da inclusão no contexto educacional, destacando a falta de preparo dos professores para lidar com a diversidade de deficiências, o que remete ao debate sobre a formação e capacitação dos profissionais de educação (PLETSCH, 2009).

A reflexão final sobre a importância de ouvir as vozes daqueles que foram historicamente marginalizados e a necessidade de compreender suas lutas é um lembrete valioso de que a inclusão vai além da retórica e requer ações concretas e mudanças estruturais. Portanto, a vinheta não apenas busca proporcionar uma visão perspicaz sobre as complexidades da inclusão, mas também ressalta a necessidade de um engajamento contínuo e reflexivo na promoção da equidade e inclusão para pessoas com deficiência.

## CONCLUSÕES

Essa experiência alargou as perspectivas dentro da formação em saúde, na nutrição, com a identificação dos desafios à inclusão de pessoas com deficiência no âmbito acadêmico, dando a chance de reconhecer as problemáticas pelos diferentes sujeitos envolvidos, inclusive sob a perspectiva institucional. Os temas do preconceito e reconhecimento dos direitos auxiliaram a identificar como as mudanças são necessárias e significativas para todos os envolvidos.

Desta forma, a inclusão é um tema importante, transformador e refere-se ao ajuste dos sistemas sociais para o respeito à diversidade humana, sendo necessário a colaboração ativa das pessoas e instituições, projetos como esse auxiliam na formação de profissionais mais humanizados e atentos à equidade.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos colaboradores e participantes do NAI e do projeto Bate Papo Sobre Educação Inclusiva do Centro de Educação e Saúde (CES), da Universidade Federal de Campina Grande, através da Coordenadora Geral do Projeto de Extensão **Maria Francisca Máximo Dantas** que possibilitaram toda a experiência e aprendizado relatados no presente artigo.

## REFERÊNCIAS

BAGNI U. V. *et al.* **Tornar a educação inclusiva.** UNESCO, 2023

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

BRASIL. **Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991.** Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências.

CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva.** Porto Alegre: Mediação, 2010.

**Censo da Educação Superior MEC/INEP** (BRASIL, 2012). A referência exata para este documento não foi encontrada. **Censo da Educação Superior MEC/INEP** (BRASIL, 2012). A referência exata para este documento não foi encontrada.

COURTINE, J-J. **História do corpo** - Vol. 3: As mutações do olhar. O século XX: Volume 3. 4ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

EYLER, J.; GILES, D. E. **Where's the Learning in Service-Learning?** San Francisco: Jossey-Bass, 1999.

MARTINS; SILVA. **Educação inclusiva: importância, princípios e desafios.** TOTVS, 20221.

MCLOUGHLIN, B. C. *et. al.* **Functional and cognitive outcomes after COVID-19 delirium.** European Geriatric Medicine, 2020

OHANNESSIAN, R.; DUONG, T.A.; ODONE, A. (2020). **Global Telemedicine Implementation and Integration within Health Systems to Fight the COVID-19 Pandemic: A Call to Action.** JMIR Public Health Surveill, 6, e18810, 2020

ONU. **Declaração de Salamanca** . ONU, 1994.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **World health statistics 2011.** Genebra, 2011.

PLETSCH, M. D. A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas. **Educ. rev.**, Curitiba , n. 33, p. 1-1, 2009 . Disponível em: <1>. Acesso em: 03 out. 2023.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** 7. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: o paradigma do século 21.** 2. ed. São Paulo: Áurea Editora, 2003.

TINTO, V. **Reflexões sobre retenção e persistência de estudantes: movendo-se para uma teoria de ação institucional em nome do sucesso do aluno.** 2005.

TOPOL, E. **Deep Medicine: How Artificial Intelligence Can Make Healthcare Human Again.** Basic Books, Hachette, UK1, 2019.

UFCC. Colegiado pleno. **RESOLUÇÃO Nº 11/2016.** Cria o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), como Órgão Suplementar vinculado à Reitoria, e dá outras providências. [http://www.ufcg.edu.br/~costa/resolucoes/res\\_12112016.pdf](http://www.ufcg.edu.br/~costa/resolucoes/res_12112016.pdf)

UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).  
**Declaração Mundial sobre Educação para Todos:** satisfação das necessidades básicas de aprendizagem; Conferência Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem, Jomtien, Tailândia, 5-9 março 1990.

UNESCO. **Declaração de Educação para Todos** (UNESCO, 1990).